

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

ESCREVER EM PAÍS DOMINADO¹

Patrick Chamoiseau

Patrick Chamoiseau, escritor e ensaísta francês, nascido na Martinica, coeditou, em 1989, com Jean Bernabé e Raphaël Confiant, *Éloge de la Créolité* e, três anos mais tarde, viu a sua carreira consagrada com a atribuição do prémio Goncourt ao seu romance *Texaco*. Autor de uma vasta obra premiada (*Chronique des sept misères* - prémio Kléber-Haedens 1986, prémio internacional francófono Loys Masson 1987; *Une enfance créole, I, Antan d'enfance* – prémio Carbet de la Caraïbe 1990; *Biblique des derniers gestes* – prémio do júri RFO 2002; *Un dimanche au cachot* - prémio do livro RFO 2008; *Les Neuf consciences du Malfini* - prémio Critiques Libres 2013), publicou em 1997 *Écrire en pays dominé*.

Nesta obra, a leitura participa da própria criação e os fragmentos das memórias de um leitor que atualiza grandes “livros adormecidos” constituem o percurso necessário para a compreensão do modo de atuação da dominação sobre a escrita: “Tantas leituras desde a infância me deixaram mais que lembranças: sentimentos. Mais que uma biblioteca: uma sentimenteca”. Aqui, a “*Sentimenthèque*” domina uma grande parte da obra e convoca, no campo das literaturas mundiais, mais de duas centenas de escritores e

¹ Chamoiseau, P. (1997). *Écrire en pays dominé*. Gallimard, p. 221-227.

pensadores de referência para interrogar, como diz o seu editor (Gallimard), “as exigências contemporâneas das literaturas confrontadas com as novas formas de dominação e a presença do Total-mundo nos nossos imaginários”. Neste excerto, o autor problematiza as noções da Crioulização e da Digénese, do Território e do Lugar, caras a Edouard Glissant, e evoca as vozes de Kateb Yacine, Conrad e Giuseppe Ungaretti, para interrogar a identidade crioula, a crioulização e a crioulideade, entre o Diverso e o Uno, e clamar a emancipação do artista perante os fenómenos de uniformização (ou homogeneidade) cultural face à mundialização.

EU-CRIOULO – Horrores. Negações. Sofrimentos. Aventuras. Nó alquímico de habitações. Raças. Homens. Línguas. Conceções do mundo. Um reflexo surpreendente do Diverso do mundo. A minha errância-sonho aí bebeu sem restrições. Já não procurava uma pureza primordial, mas aceitava a ideia até então insustentável: tínhamos nascido *no* atentado colonial; ele tinha iniciado as nossas subconexões; desencadeado as pulsões que funcionam entre nós; determinado as nossas relações com o existente. Não éramos oriundos de uma virgindade antecolonial, mas da obscura deflagração dos primeiros toques, dos porões-matrizes dos navios negreiros, das porões-ruturas da imigração contratual, dos sobressaltos de ilhas e continentes, das ondas misturadas com caminhos múltiplos. Perder um desses componentes, não colocar cada Traço-memória em conivência com cada um dos outros, e não tentar apreender o conjunto, equivalia a dedicar-se à incompletude.

Essa combinação fenomenal deu origem, no país-Martinica, a uma das faces da *crioulização*: esses povos caídos no pote do Caribe, atingidos pelas histórias das suas origens, sob a ebulição dos atentados escravagistas e coloniais, catalisados por essa levigação generalizada das suas culturas tradicionais, não conheceram uma síntese, mas uma espécie de mosaico incerto, sempre conflitual, sempre caótico,

sempre evolutivo e organizando ele próprio os seus equilíbrios em *crioulidades*²!... Percepcionava agora em mim os sinais dessa nova entidade coletiva que o Contador de histórias tinha querido nomear. Densidades antropológicas com bordas vaporosas foram amarradas-desatadas num espaço-diversidade quase amniótico. Ameríndios, békés, Índios, Negros, Chineses, mulatos, Madeirenses, Sírio-libaneses... Quisemos preservar originais purezas, mas fomos atravessados uns pelos outros. O Outro muda-me e eu mudo-o. O seu contacto anima-me e eu animo-o. E estes deslocamentos oferecem-nos ângulos de sobrevivência, desvelam-nos e amplificam-nos. Cada um dos Outros torna-se uma componente de mim, mantendo-se distinto. Torno-me naquilo que sou no meu apoio aberto ao Outro. E essa relação com o Outro abre-me em cascatas de infinitas relações com todos os Outros, uma multiplicação que funda a unidade e a força de cada indivíduo: Crioulização! Crioulidade! *Na Crioulidade da Martinica, cada Eu contém uma parte aberta dos Outros, e na borda de cada Eu permanece estremecida a parte impenetrável dos Outros*. Eu tinha deixado aí, num acme de sonhos, a identidade antiga³.

² Devemos chamar “crioulidades” resultantes particulares na alquimia das crioulizações. Resultantes que permanecem em movimento, uma vez que estão sujeitas à eletrólise contínua das crioulizações. Devemos chamar “crioulizações” os mecanismos evolutivos de subconexões, acionados de forma complexa e acelerada no mundo americano, reverberados hoje em todo o mundo. Passamos da crioulização à crioulidade, quando – abandonando as leis teóricas abstratas do processo de subconexões numa região do mundo – mergulhamos na carne viva de uma das suas resultantes num lugar específico. As subconexões deram origem a processos de crioulização nas Américas: a das pequenas ilhas do Caribe, a das grandes, a das costas da América Afro-Latina, a da América Central, a do sul dos Estados Unidos da América... etc. Nas crioulizações das pequenas ilhas, pode-se apreender, estudando cada país, crioulidades particulares, irreduzíveis entre elas: a crioulidade martinicana não é a crioulidade haitiana, nem tão pouco a crioulidade guadalupense.

³ Ainda hoje, há dificuldade em pensar esse axioma. No entanto, a mistura contemporânea de culturas e povos propaga esse fenómeno de crioulizações e crioulidades pelo mundo. A criança que nasce no Japão, de uma haitiana que se casou com um alemão, ficará ligado ao Japão, à Alemanha e ao Haiti, na linha de percepção de cada uma das suas fontes culturais das quais jamais ficará desligado. Ele terá que aprender a pensar esse aquartelamento linguístico, essa articulação em várias terras e em várias histórias. Compreender essas presenças do Outro em

Estava perturbado com a desordem de tal magma. Encontrávamos por todo o lado no Caribe esse Diverso que agrega e prolifera em resultantes rebeldes em relação às profecias. Aí, nenhuma dessas Géneses tradicionais que fundam as etnias, os territórios, as identidades antigas, a bela História comum. Nenhum discurso das origens. Nenhum mito fundador geral. Nenhuma sacralização de qualquer começo. Nada. Nada além da sofreguidão mutante de que os povos eram portadores. Um anátema de cintilação móvel, inacessível às apreensões habituais.

Entreguei-me a essa poesia na tentativa de compreender.

A Crioulização não começa nem nas suas fontes nem nos seus pontos de subconexões. O porão do navio negreiro não é um ponto de partida, mas o ponto de inflexão para possíveis incomparáveis; e o que acontece no coração das plantações só prolonga ou amplifica (prolonplificar) os primeiros toques, primeiramente entre Ameríndios das ilhas e os do continente, seguidamente entre os Ameríndios e as forças coloniais, e depois entre estes e os homens de África... A Crioulização ecoa a eleição do Diverso até ao ponto mais extremo das fontes originárias, mistura e relativiza os mitos fundadores

si, e que definem precisamente o que ele é. Se ele não conseguir, as perturbações serão grandes, e uma esterilização de sua criatividade ou mesmo um tumulto pairará sobre ele a prazo. Vemos isso hoje entre os Beurs ou entre os Antilhanos da segunda geração, nessas bandas crioulizadas dos subúrbios franceses, no coração desesperante do urbanismo industrial, dos planos Marshall e das políticas de “integração”. A crioulização é hoje o grande desafio das megalópoles urbanas: organizar um agrupamento de diversidades humanas que não querem renunciar ao que são. Os Estados Unidos da América foram edificados sobre o mito integrador de um renascimento total, um sonho em que todos consentiam no abandono (ou neutralização) de uma espécie de crisálida. Hoje, o fenómeno continua em espaços desenvolvidos sem um mito integrador, sem um espartilho de um Estado-Nação, sem um absoluto triunfante, sem o sonho de qualquer tipo de renascimento, tão somente a perturbação próxima da Diversidade que alimenta as suas inúmeras crisálidas da consciência que tem de si mesma. Essas crisálidas seguirão as suas derivas caóticas, os seus reforços, os seus enleamentos e deslocamentos. Nenhuma essência será poupada. Nenhuma anterioridade de chegada ou de legitimidade territorial ou de “códigos nacionais” impedirão essas derivas. Kant, face ao cosmopolitismo, sonhava com um *grande corpo político sem exemplo no mundo passado*. Na Crioulização no Mundo-Conectado, será necessário ser ainda mais audacioso.

dos povos que congrega, mistura e engrena as Palavras de origem e relativiza-as, enlaça os Sagrados iniciais e relativiza-os, confunde no não-absoluto as concepções unicitárias, fragmenta e liberta os grillhões uniformizadores. Restava-me apenas pensar no existente à luz desse Diverso. Quando se elegeu a ideia em si da Crioulização, não se começa a “*ser*”, começa-se de repente a “*existir*”, a existir à imagem total de um vento que sopra, e que mistura terra, mar, árvore, céu, aromas e todas as qualidades... É por isso que Glissant fala de *Digéneses*⁴, onde o ponto de impulso é indiscernível, e móvel, e recapitulativo, e aí mesmo aberto, crescendo, proliferando, presidindo ao nascimento sem começo das identidades crioulas.

De Kateb Yacine: Contra o seu aniquilamento no fundo da cela e durante a guerra libertadora, a explosão narrativa, a debandada de pontos de vista, o turbilhão do tempo, o emaranhado de vozes; busca da complexidade fundadora da linguagem, de histórias, da outra visão, e cuidado para não te entregares às forças originárias do Islão ou da tribo. — *Sentimenteca*.

De Conrad: A epopeia que persiste silenciosa, inquieta... — *Sentimenteca*.

De Giuseppe Ungaretti: Nómada entre mil influências, perturbado por ser múltiplo, busca o fundamento no berço dos mitos. — *Sentimenteca*.

Não podendo conceber este caos identitário, este mosaico cultural sem ponto de partida, tinha tentado as reduções mais confortáveis inspiradas em valores coloniais onde se exaltavam a *Unicidade*, a identidade antiga, o Território e seus poderes. À custa dos sonhos, o país tornou-se para mim um organismo vivo, compacto e fluido, rodopiando

⁴ Ver o seu incrível ensaio *Faulkner, Mississippi*, Éditions Stock, Paris, 1996, que expõe a ideia.

sobre si mesmo, quente e sensível: uma estranha *totalidade* impossível de encerrar. Essa totalidade-país (nem fechada, nem imóvel) soprava no meu imaginário e desertava as modalidades do Território, da Nação, da Pátria. O seu conjunto, maravilhado com a sua diversidade e uma solidariedade sensível ao Diverso, exigia uma conceção diferente. Acreditando enraizar-me profundamente, encontrava-me agarrado pelos quatro horizontes. Compreendi que para resistir (ou existir) queríamos erigir as nossas terras em Territórios enquanto as crioulições e as crioulições as predispunham a essas somas complexas que Glissant chama Lugares. Essa noção glissantiana do Lugar assumiu para mim a sua magnitude num rosário inesgotável que o meu sonho debitava:

O Lugar está aberto e vive esse aberto; o Território estabelece fronteiras. O Lugar evolui na consciência das subconexões; o Território perdura na projeção das suas legitimidades. O Lugar vive a sua palavra em todas as línguas possíveis, e tende à organização do seu ecossistema; o Território apenas autoriza uma língua e, quando as resistências lhe impõem várias, distribui-as segundo dispositivos monolíngues. O Lugar comove-se, reconhece e activa as suas múltiplas fontes em extensão; o Território impassível inclina-se a partir de uma raiz única. O Lugar é diversidade; o Território arma-se com a Unicidade. O Lugar participa de uma Diversalidade; o território impõe a Universalidade. O Lugar só se percebe em mil histórias entrelaçadas; o Território conforta-se com uma História. O Lugar pulsa em memórias transversais; o Território conserva-se no gume de uma memória exclusiva. No Lugar há ecos, sombras, imagens, palavra, escrita; o território sob a luz de um Estado visa a transparência, o único e o decreto das escrituras. O Lugar repercute-se em redes no mundo inteiro, ao sabor das subconexões; o Território coloca um Centro e periferias. O Lugar compartilha e evolui nas vicissitudes dessa partilha; o Território conquista...

... e poderíamos assim continuar sem suspender. A totalidade dos Lugares funda a nossa Terra. Mas na amplitude do Lugar poderão subsistir sombras de Território, nunca um Território absoluto – e no Território alguns germes do Lugar, nunca um Lugar absoluto. O Lugar protege-se do Território pela consciência que tem de si mesmo e dos valores que dele resultam.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

ANA CLARA SANTOS

Universidade do Algarve